

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Linhas férreas

A viação acelerada tem pois necessidade de abeirar a estrada nacional de Braga a Guimarães, para ser proveitosa para as povoações intermédias, cuja importância sob o ponto de vista do fomento, tem de ser levada em linha de conta.

Para isso ou há-de aproveitar-se o leito da estrada e assentar nela a linha, ou construí-la em leito próprio com a linha paralela.

Evidentemente que o problema visto pelo lado económico, aconselha o aproveitamento do leito da estrada. Para aproveitamento desta, está naturalmente indicada a utilização dos tranvias electricos, cujos motores arrancam com a maior facilidade e vencem desniveis sensíveis, como os que nos apresenta a estrada de Guimarães a Braga.

Não é porém este o processo de via acelerada que nos prometem, mas sim a linha ferrea em leito próprio, para tracção a vapor.

E' inteiramente indiferente à conveniência dos povos, o sistema de tracção, uma vez que sejam tomados em consideração os interesses dos que tem de utilizar-se dela.

E se a linha ferrea em leito próprio pudesse servir convenientemente as povoações entre as duas cidades, tudo estaria muito bem.

Mas tal não sucede.

A viação acelerada pela tracção a vapor, ou o comboio, como vulgarmente lhe chamamos, para poder fazer-se com a velocidade que lhe justifique este nome, não pode vencer rampas superiores a 1,50 %. Ora, seguindo o trajecto da estrada nacional, os declives repetem-se com grande frequência e as rampas atingem na sua maior parte de 5 a 10 % e em pontos até mais.

Nestas condições a via férrea entre Braga e Guimarães, cujo fim principal é evidentemente estabelecer a ligação rápida, destas duas cidades e para isso tem de aumentar o mais possível o seu trajecto, não poderá aproveitar-se da actual estrada.

Tem desniveis grandes a vencer e a necessidade insubstituível de procurar uma trajectoria cujas rampas não vão ao máximo, além de 2 %.

Sabendo-se já que o ponto de partida não pode ser da cidade de Guimarães, mas já a certa distância, para poder vencer o primeiro môro, observa-se ainda que a travessia do monte da Falperra demanda um trajecto curvilíneo, muito grande e dispendioso, no qual nenhum apreço podem ter os povoados intermédios.

E assim se conclue que a projectada linha férrea entre Braga e Guimarães, é apenas um luxo caro, porque não aproveita a ninguém.

Porque não nos dão um sistema de viação acelerada, ao longo da estrada?

Desmascarados!

As forças vivas e os ataques ao sr. dr. Nuno Simões

Com o aparecimento da «Minuta de agravo de injusta pronúncia» em que é agravante o sr. dr. Nuno Simões e advogado o sr. dr. João Eloy, luz foi feita nas causas que determinaram a campanha de dois diários de Lisboa, órgãos das forças vivas, contra aquele honrado homem público e melhor cidadão. Caíram por terra os mais violentos ataques e, por uma vez, assistimos ao espanjar das tôrpes insídias que, misteriosamente, pretendem emporcalhar a Verdade.

O lôgro safado foi pôsto a descoberto, e os remoques arrancados da mentira como a difamação soprada nas correntes dos quatro ventos foram bem um pingo de azeite deitado sobre a opinião pública, desvanecida a esperança de que a Justiça já mais seria o papel mata-borrão que absorvesse toda e qualquer gordura. Dissolvente como nojosa, a ignominia do frete resaltou nítida (cuspilhada de ouro em olhos de incautos) e verificou-se o insucesso das ardeceres do Cambão como se depreenderam a vontade de fugir a responsabilidades, o enorme apetite de agravar os direitos do Estado e a excusa a compromissos.

A venalidade tentando esmagar o escrúpulo e os desejos de aniquilar quem se propunha arrancar máscaras de deshonra a sobrepõem-se aos interesses de todos os portugueses...

Percebeu-se ainda que as farronçadas dos «honrados económicos» falsearam o Direito, e, pelo gosto com que certas vozes se erguem então, muito embora os argumentos continuassem a ser calúnias, êles para muitos ficaram sendo papirongas feitas para o beócio e foguetes de assobio queimados em romaria de escândalo.

Das suspeições contra o agravante, nada houve de mais ridículo e de mais infame...

Só um medo insuperável, só um despeito pessoal puderam dar origem áquelas conjecturas que em nada menoscabaram a rectidão de caracter do agravante.

Pelo sr. dr. João Eloy tudo foi rebatido plenamente, descobriu num instante toda a ficção e aguentou a arremetida boçal e palerma.

Dissemos até com os nossos botões, à semelhança de La Bruyère: «quando uma leituta nos eleva o espírito e nos inspira sentimentos nobres, não procuremos outra tegra para julgar a obra; é boa e feita por mão de mestre».

As últimas cartas do sr. dr. Nuno Simões publicadas no «Século» veem mais uma vez provar que não houve engano nas apreciações então feitas.

Escritas com uma serenidade que só eleva o autor, dum poder de lógica que espanta e focando nitidamente as contradições dos seus acusadores, merecem ser recomendadas aos que se deixam ainda arrastar no rastro da insidia, já porque vincam o ânimo leve com que o grande diário preten-

deu acusar já porque levantam um véu que encobria um mortuo.

O sr. dr. Nuno Simões conseguiu reduzir a cisco o colosso que espalhafatosamente fazia alarde da sua desonestidade, amesquinhou, pôs em estado miserável o goso que lhe ia mordendo as canelas num atremêso de raiva invulgar, a um tempo que pulverizou a opinião pública com as instruções contraditórias, despertando os que chafurdavam no lamaçal do «Século» e contribuindo para, sem magia, fazer virar o feitiço contra o feiticeiro.

Hoje, pode dizer-se já que não há pessoa alguma de bem que acredite o órgão do Cambão ou dele não fale com nojo e repugnância.

As respostas do avantesma podemos classificá-las de osso atrancado na gorja e de mera resistência, e do seu nome só resta o cabeçalho.

A doutrina difundida nas suas colunas diluiu-se num instante, e, se alguma derrama ainda, essa não vai além do desgaste de peixeira, do arranque de cocheiro ou da peganhenta trivialidade de metretiz.

Infectado pelos que o subsidiam, ensopado no roubo e na imoralidade, e mergulhado no chiqueiro do ouro, encontra-se nãmeto um para entrar de contas com a Justiça, atemorizado pela independência do Poder Judicial e oferecendo já, como Judas, o pescoço ao laço da corda amarrada no ramo de qualquer figueira.

Só aguarda a hora do desespero, o momento fatal, o rebate de consciência...

E' o caso do sr. dr. Nuno Simões continuar a mostrar-lhe a irreflexão das suas diatribes, o lôgro das suas acusações e os remoques arrancados da mentira.

Qual criminoso prestes a cair nas garras da autoridade, estamos certos, vê-lo hemos, a êle, ao órgão dos argentários, antes fazer justiça pelas suas próprias a entregar-se.

L...

Divagando

Fechou-se a noite há boa duas horas. O olimpico ceu deixou-nos ver brilhantes estrelas e a frésca aragem convidou-nos a passear.

No ar rebentam consecutivamente bombas anunciando que estamos em festa comemorando um feito heroico de irmãos nossos. Todo o mundo se descobre e os vivos sentem-se. Há festa, grande animação!

E dum cantinho escuro um pobre velho que nem tão pouco sabia onde resguardar-se do orvalho da noite, sem nada na vida valia a dôr, baluciava, em palavras quasi inapercebeveis: — «Há festa, grande animação! Só eu sófro a dôr de não ter um abrigo nem uma côdea que engane, ao menos, este estômago faminto!»

Enquanto que os felizes do

mundo gastam dinheiro pomposamente, dinheiro que vestiria tanto esfarrapado, alimentava tanto faminto, e daria abrigo a tanto peregrino como eu, nós sofremos as torturas da fome, as agruras do frio e ás vezes mal aconchegamos os magros farrapos ao corpo!... Pálidos corações que nunca sentiram esta dôr, este sudário de amarguras! Uma relação se aproxima e ás carteiras abrem-se fazendo-se salientar moedas para estalarem nos ares e músicas para os divertir.

Para nós, ó meu Deus!...

Para uma mão estendida em súplica há sempre as palavras: — «não tenho trocado». Depois de divertidos tecos o leito feito de finíssima colchas onde se embriagam com o doce mel do Himeto e nós temos a ingrata terra que nos receberá o corpo!

E há Deus em tudo isto?!

A Virgem que ajoelhava junto da cruz ao filho morto, que sentiu a negrura duma paixão, duma dôr de Mãe, não estende a sua mão protectora aos que padecem? Não!...

O poderio dos céus, com todos os Deuses, vê, de sumptuoso palanque, esta arêna onde se acotovela todos os seus filhos.

Aos felizes do mundo dá-lhes tudo isto e talvez mereçam ainda o goso eterno...

E mais baixinho ainda, como quem teme ouvidos suspeitos na penumbra da noite:

— E o padre da minha freguesia, um ministro do grande Deus, a querer roubar aquilo que aos pobresinhos pertence — o pas-sal! Desprezados por todos!...

Ah Mãe é tão dura esta Cruz!...

E eu digo agora: — Ah Cristo! Se tu em vez de te conservares tão imóvel, recostado santamente nessa cadeira de Rei Supremo, de Presidente dos Destinos Humanos, descêsses á superficie da terra, e, empunhando novamente o azorrague ou o estalducho, como dizia o saudoso professor conego Sanches, que serviu para expulsar, outrora, os vendilhões do templo, davas provas da grande justiça Divina.

Vilaverde.

Nascimento

Teve a sua delivrance, dando á luz uma robusta criança do sexo femenino, a dedicada espôsa do nosso presado amigo e distinto advogado sr. dr. José Acácio Pinto Rodrigues.

Mãe e filha encontram-se bem. Ao sr. dr. José Rodrigues, os nossos cumprimentos.

Aniversário da Corporação dos Bombeiros Volunt. das Taipas

Esta antiga corporação de bombeiros, festeja hoje o aniversário da sua fundação.

Para que a festa revista o maior brilho, trabalham com todo o empenho, o ilustre comandante da Corporação, II.º Sr. Manuel José Pereira e os bombeiros que constituem o corpo activo.

O programa consta de uma missa em sufrágio dos bombeiros

falecidos, que se celebra na igreja paroquial das Taipas e á qual assiste toda a corporação; romagem piedosa ao cemitério paroquial onde serão depositas flores nos túmulos dos bombeiros sobre quem a morte caiu com o seu negro manto; sessão solene para a qual foram convidados distintos oradores da cidade de Guimarães, e concerto pelas bandas.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Diz-se... A uma loirita que tem frio...

...Que há um *mentôr* do Joãozinho e que este o escuta num enlêvo verdadeiramente de virgem de deliquio, certo de que as leis não preveem certas ronhas e também de que o seu cinismo não consegue impôr-se á opinião pública.

...Que isto de subalternisar o espirito a outrem dá ao illustre advogado o sabôr que teria um caldinho de repôlho em pino de verão.

...Que o sr. vereador das obras pediu uma licença — ó altos céus! — por discordar da perseguição a fazer a dois funcionários da Câmara.

...Que o sr. Alves, de Vizela, se indignou devêras por não ter havido sessão e que dá ao diabo a hora em que gastou o seu dinheiro na viajata a Guimarães.

...Que o senhor de Barco, desejando manifestar o seu aprêço ao sábio mentôr e desvelado patrão da confraria, o brindou com uns preciosos bôlhos, cujas lindas flores faziam as delicias dos freqüentadores do Toural.

...Que o mesmo senhor não oculta o seu profundo desgosto pelo malôgro da grande avenida para o seu lindo solar, que a *D. Economia* teimou em encavar, a despeito da sua espartesa salaio.

...Que a calcetaria velha originou séria contenda entre o senhor de Barco e um grande industrial, chegando este a gritar indignado que isto agora era muito peor que dantes.

...Que também na confraria há politica, cujo chefe é o seu grande patrono e hábil orientador, ao qual como fiel/soldado, se solidarizou o juiz da dita.

...Que um célebre *escrevinhador* dos lados das Taipas não gostou nada que o patrão seja chamado ao cumprimento dos seus deveres.

...Que há uma dúzia d'anos, desapareceu de certa colectividade, uns arames que tinham servido a ornamentações.

...Que passados anos, foram encontrados estendidos em cima duma ramada, fora de barreiras.

Orfeão Lusitano

E' hoje o dia em que este esplendido grupo coral nos visita e realisa o seu sarau de arte no teatro D. Afonso Henriques.

Atendendo ao successo alcançado quando da sua última visita, de esperar é que o povo vimaranense corresponda á gentilisa do orfeão portuense.

A «Velha Guarda» saúda os orfeonistas, a sua direcção e competente regente.

Tremes?... Tens muito frio?... O' minha loira flor, Tens roixinhas as mãos e andas sem camisa!... Como te chamas, diz, meu pequenino amor?...

— Elisa, sou Elisa...

Elisinha! Elisinha! E' lindo o nome teu!

A saia tam rotinha até te fica bem!...

Mas andas sempre só!... A tua mãe morreu?...

— Eu nunca tive mãe!...

Engeitada, que horror!... Um lirio ao abandono

Neste mundo tam vil onde só reina o mal!...

E onde é que dormes tu, á noite, se tens sono?...

— Por aí... num portal...

E éstes anjos, meu Deus, resvalam na regueira!...

Não há ninguém, ninguém que tenha piedade

Das crianças sem pais!... Não há ninguém que queira

Dar-lhes o coração e o amor da Caridade!

O' minha pobre Elisa, ó loira engeitadinha,

Vem esquecer-te aqui, no lume do meu lar...

Tens roixinhas as mãos! Andas sem camisinha!

Dorme no meu regaço!... Elisa, quer's nanar?...

DELFINO DE VIMARANES.

Caixa Postal

Ao depositário da caixa postal de Urgêses, foi retirada a caixa do correio, e dizem que o motivo apresentado, foi de que este funcionário se utilisara, para uma carta sua, de uma estampilha usada.

O referido depositário da Caixa postal é comerciante, e comerciante digno da classe a que pertence, e não se serviria para uma correspondencia sua onde sempre põe o carimbo com o seu nome e o nome de sua casa, de uma miserável estampilha usada...

De tantíssima correspondencia que envia para os correios há duas dezenas de anos, desde que é comerciante, e após um período de mais de uma duzia de anos que em seu poder tinha o correio da freguesia de Urgeses, só agora, e nesta ocasião, é que appareceu misteriosamente numa carta sua, uma estampilha usada!

Que miseravel motivo êste para fundamentar razões para se retirar o correio d'uma casa para outra!...

Congresso Municipalista Minhoto

A Junta Geral do Districto de Braga com uma justissima intuição das necessidades do Minho, tomou a iniciativa de realizar o Congresso dos Municipios desta linda e fertilissima provincia. Os dois districtos que compõe o Minho, são indiscutivelmente dos mais dignos de protecção e propaganda pelas suas belezas naturais, pela magnificência dos seus monumentos, pelo seu grande desenvolvimento industrial, commercial e agricola, são ao mesmo tempo aqueles que mais desprezados teem sido pelos poderes constituídos. Para o encantador Minho que deixa indeleveis e gratissimas recordações em todos os que teem a felicidade de percorre-lo e apreciar as suas inigualaveis belezas nunca houve exposições protectoras, leis de fomento, medidas especiais tendentes a atender á sua especialissima situação. Os povos do Mi-

nho teem vivido sempre do seu proprio esforço e submetendo a sua iniciativa, a sua energia, o seu modo de viver á formula geral do País que tantas vezes parecia ignorá-lo.

Tornava-se pois absolutamente necessario fazer conhecer a Portugal inteiro o que é o Minho, o que ele vale, o que ele representa, o que ele tem direito a que lhe seja feito.

E isso só podia fazer-se congregando todos os elementos para um só fim, unindo todas as vontades para um só intento, congregando todas as energias para uma realisação definida — o progresso, a defesa e propaganda da mais bela provincia de Portugal, o ridente e sublime rincão minhoto.

A Junta Geral do Districto no desenvolvimento da região que representa conseguiu chamar a si as entidades officiaes do Minho e vai realizar em Junho proximo o tão útil quão necessario congresso.

E' nos grato registar este gesto de bairrismo que todos os filhos do Minho devem carinhosamente coadjuvar.

Oxalá que todos aqueles que nele vão tomar parte saibam assumir a atitude de defensores devotados e persistentes dos nossos direitos e do Congresso reslute a fase do progresso, de engrandecimento, de protecção a que tem direito esta riquissima provincia.

E nós, com toda a alma de verdadeiros minhotos daqui apresentamos as nossas saudações á illustre Commissão promotora, fazendo votos sinceros pelo bom resultado do Congresso Municipalista Minhoto.

Museu Alberto Sampaio

Grças aos esforços do talentoso escritor, nosso conterraneo, sr. Alfredo Guimarães, acaba de organizar-se nesta cidade um grupo de propaganda e auxilio do Museu Alberto Sampaio, denominado «Grupo dos Amigos do Museu Alberto Sampaio» do qual fazem parte alguns dos nomes em destaque no nosso meio social, como se vê da seguinte distribuição de cargos:

Assembleia geral

Presidente — Dr. Joaquim José de Meira.

Secretários — José Luiz de Pi-

na e Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro.

Dirrecção

Presidente — Abel de Vasconcelos Cardoso.

Tesoureiro — Alberto Vieira Braga.

Vogais effectivos — Antonio Leite de Castro, Alvaro Costa Guimarães, Alberto Cardoso Martins de Menezes, Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas e D. José Ferrão de Tavares e Tavora.

Vogais substitutos — José Vaz Vieira, Dr. Alfredo Dias Pinheiro, Francisco de Assis Pereira Mendes, Padre Gaspar da Costa Roriz, Eduardo Lemos Mota e Amadeu da Costa Carvalho.

Comissão de Estudos Artísticos e Históricos

Presidente — Dr. Eduardo de Almeida.

Vogais — Dr. Luis de Pina, Capitão Mário Cardoso, Alberto Vieira Braga e Alfredo Guimarães.

Comissão de Propaganda

Presidente — António da Costa Guimarães

Vogais — Abílio Cabral Peixoto Vias-Boas, António Amaral Pinto e Freitas, António Gualberto Pereira, Antonio Jordão, Casemiro Martins Fernandes, Domingos de Araujo Leite de Castro, Eduardo Pizarro de Almeida, Francisco José de Souza Machado e Gusmão, João Martins Sequeira Braga, João Rodrigues Martins da Costa, José Borges Gonçalves Teixeira de Barros, José Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, José Manuel de Araujo Leite de Castro, José Roberto Martins de Queirós, José Rodrigues Martins da Costa, Luís Fernandes Azenha, Luís Henrique Cardoso Martins de Menezes, Luiz de Souza Trepa, Dr. Mário Dias de Castro, Manuel Pereira Mendes, Oscar Pires, Paulo Lobo Machado Cardoso de Menezes, Quintino Teixeira de Abreu, Dr. Raul Costa e Rodrigo Lobo Machado Cardoso de Menezes.

Primeiro de Maio

A comemoração do 1.º de Maio, data consagrada a perpetuar a sacratíssima memória dos mártires de Chicago, tem um significado elevado da parte de todos aqueles que desejam uma sociedade melhor e, muito especialmente, da parte da classe operária que se aproveita d'este dia solene para firmar os seus principios e para desfolhar as flores da sua saudade nos tumulos daqueles seus camaradas a quem a morte não poupou.

Na hora presente, na hora que passa, ninguem desconhece que a massa operária portugêsa atravessa um grave período e que o momento se não tornou propiciatorio a manifestações ruidosas.

Contudo consolados ficamos ao ver enfeitadas as janelas e portas das casas dos humildes trabalhadores, o que veio provar eloquentemente que estes ainda não abdicaram das suas convicções nem lançaram no esquecimento a data memorável.

A «Velha Guarda», fiel aos seus principios republicanos, saúda o operariado vimaranense que tantas provas tem dado de alto civismo.

Tenente Gervásio M. Campos de Carvalho

Na Africa Occidental adoeceu este nosso presado correligionario e distinto officio do exercito.

Fazendo votos pelo seu rápido restabelecimento, enviamos as nossas mais cordeais saudações.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

(Continuado do n.º anterior).

Nuvem procelosa que, minúscula embora, bastou para toldar o sol radiante duma glória efémera!

Estava consumada a obra de D. Urraca, que fora indirectamente o elo que prendeu o seu illustre favorecido aos successos da Espanha cristã, até repo-lo no usurpado trôno. E fóra ella ainda quem o aconselhou a ludibriar Garcia, rei da Galiza, que então abrangia esta faixa de terreno limitada ao norte pelo Atlântico e a sul pelo Mondêgo.

O leitor terá perguntado a si mesmo a que proposito vem este longo arazoado. Convimos mesmo que elle seja o seu martirio sem contudo nos aprazer faze-lo nossa victima. Há porém uma eventualidade que desejamos frisar; porisso vamos agora tratar separadamente de Garcia, por nos merecer reparo um successo que a elle e a nós se prende. Era este um rei feroz, vedêta duma idade que se revolveu em sangue. Foi arbitrario; e o seu dominio periguo.

Porque os barões de entre Douro e Minho, cansados já de suportar o fardo, recorreram ao então vulgar expediente: as armas. Acaudilhados por Nuno Menendes desfraudaram ao vento o pendão da revolta. E tão riija foi esta que o rei veio encontrar-se entre Braga e Cavado.

Feriu-se uma batalha, um quasi desfôrço de raças. Devia chamar a ira dos campeões que ousaram impôr á fereza indómita dum homem, relativamente poderoso, o argumento das suas espadas. Não lhes foram propicios, porém, os ventos marciaes. Desbaratados pela força, não o foram pela persuasão. Assim, querelaram perante Garcia das ofensas recebidas de Vernula, seu valido. Ousaram mesmo assassina-lo na sua presença.

Já era ousar!... Segundo Rodrigo Ximenes, historiador do século XIII, as vinganças foram atrozes.

Ora, foi destas desavenças que Sancho de Castela se aproveitou para desapossá-lo do trôno, ou pelo menos para submetê-lo, segundo é mais corrente, pretextando a sua adesão a Afonso quando em luta se encontraram junto ao Pisuerga e ao Carrion.

Não é natural, porém, que chegassem a prendê-lo no castelo de Luna, pois Afonso VI, quando reassumiu o poderio, o encontrou reinando livremente na Galiza. E pagou-lhe bem o seu auxilio chamando-o ao engano para o lançar numa prisão carregada de ferros. Assim devia pagar também, mais tarde ao seu pupilo, filho do seu fiel aliado de Tolêdo.

Sabemos que D. Tereza era, como sua irmã Elvira, a consequência dos amôres illicitos de Afonso VI com a formosa asturiana Ximenes Nunes. Essa concubina correu voga no seu tempo.

Estes velhos lutadores da «Idade Média», no mais acêso fervor das suas crenças, a miude se temperavam nos prazeres. Eram tréguas que davam ao musculoso côrpo após as fatigantes lides e correrias por terras de infiéis. Estas estavam no seu auge e mais renhido o ódio das irreconciliaveis raças que deram ao mundo o espectáculo duma luta secular. A «curia romana» já dispensava os guerreiros peninsulrres de irem combater á «Terra Santa» igualando em indulgências o sangue derramado.

(Continua)